

# Rosa

**DAIANA SOARES**



# Rosa

**DAIANA SOARES**

2025

ED. UANÁ

# Editora Uaná

**Leila Maribondo**  
Editora-Responsável

**Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho**  
Editoração, Diagramação, Projeto Gráfico,  
Capa.

Todos os direitos autorais reservados a  
autora, Daiana Soares

S676r

Soares, Daiana

Rosa / Daiana Soares – Niterói, RJ : Editora Uaná, 2025.

p. 67

ISBN: 978-65-984727-6-4.

E-Book Disponível em: <https://www.editorauana.com.br//livrosuana>

1. Literatura brasileira. 2. Romance.

CDD B869.93

Ficha catalográfica elaborada por Elenice Gloria Martins  
Pinheiro – CRB7|5338



Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 2.0 Genérica  
(CC BY-NC-ND 2.0)

Acesso livre e gratuito.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição – Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

Não Comercial – Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem Derivações – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Licenciamento do conteúdo consultar o autor: [poetajovem1@gmail.com](mailto:poetajovem1@gmail.com).

**LER É UM  
ATO DE  
RESISTÊNCIA!**

## **CONSELHO EDITORIAL**

Bianca Salles Pires

Bárbara Rolim

Camila Faria Pançardes

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

Daniela Moreno Azevedo Cabral

Daniel Luiz Arrebola

Daniel Maribondo Barboza

Fábio Borges

Felipe Moura Fernandes

Gabriela Cuervo

Guilherme Marcondes dos Santos

Hully Guedes Falcão

Iago Menezes de Souza

Juca Ribeiro

Juliana Lencina

Leila Maribondo Barboza

Luana Reis Andrade

Luci Faria Pinheiro

Maria Thereza C. Gomes de Menezes

Marcelo Gomes

Márcio Malta

Rodrigo Lima

Rodrigo Ribeiro

Railson Barboza

Rosângela Gonzaga de Almeida

Sabrina Parracho Santana



# Sumário

Apresentação.....	8
CAP 1 - O Cacete armado.....	10
CAP 2 - O tiro saiu pela culatra.....	13
CAP 3 - Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira.....	18
CAP 4 - Fôlego Urbano.....	21
CAP 5 - O café, teu cheiro e o encontro.....	28
CAP 6 - Noite de carnaval.....	31
CAP 7 - Descoberta desagradável?.....	35
CAP 8 - Acredite se quiser.....	39
CAP 9 - A farsa.....	41
CAP 10 - A Confiança é ingrata.....	41

# Apresentação

O que seria escrever um romance?

Estou descobrindo junto com quem vai ler.

Aqui tudo começa com uma manga “desacertada” caindo na cabeça dos protagonistas.

A manga espada com inúmeras árvores que rendem primavera quase chegada do verão um lamear da fruta doce nos quintais e espaços institucionais em Salvador.

Rosa e Raul se encontram com o pulsar desse ato aleatório promovido pela natureza, pois o desacerto parece acerto, mas nem sempre o acerto abre caminho confortável no quesito das relações humanas.

O cenário do Hospital Psiquiátrico, praticamente norteia o desfecho de uma história de encontros, desencontros e farsas.

Falar de uma mulher da periferia, independente, solteira e responsável por todos os passos da sua vida nos coloca frente à semelhança de seres femininos diários.

O conjunto de vulnerabilidades que envolvem a mulher nessa condição, e a estrutura machista que se apossa do corpo da mulher: o corpo físico, psicológico e espiritual. Cada traço percebido sem muita sutileza no desenrolar da trama ao longo dos capítulos.

Por fim, Rosa precisa escolher ou não?



# Capítulo 1

## O CACETE ARMADO

Naquela tarde com a chegada do verão e sem ver sombra de praia, no Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira, seguindo a mesma rotina de uma vez na semana na ala de visitas, aquele trajeto baldeando buzu e metrô muito comum, com cara de nenhuma novidade trouxera de repente o inusitado: Um homem bem atraente saía em direção ao portão e ao mesmo tempo adentrava uma mulher cujo nome remetia a toda docilidade: Rosa.

Só não imaginava que esse encontro seria selado pelo desacerto de uma manga despencar logo na cabeça da que brotou!

Rosa tinha 35 anos, negra e cabelos cacheados longos. Trajava uma calça jeans, camiseta básica e um *All Star* velho branco que muito encardido mantinha como uma espécie de amuleto contra a má sorte. Cheia de crendices, simpatias e sob a mão das forças esotéricas costumava ouvir na rádio FM o que a Astrologia dizia sobre seu signo.

A moça era do signo de Áries, a natureza de fogo dominava a sua personalidade. Como assim, natureza de fogo? Rosa era competitiva, impaciente e ferosa ao extremo para tudo na vida. Sabe a inexatidão do que ar-

dia em seu corpo como brasa, contrastava com sua quietude provável salvação concedida pelo ascendente no signo de Virgem e sua lua escorpiana a protagonista dos seus momentos de desabrochar.

E nessas coincidências da vida, conversa vai e vem o homem citado aqui se chama Raul. Olhar enviezado bem arredondado como duas bolas de gude. 45 anos, branco e ao mesmo tempo meio avermelhado pela pele castigada dos raios solares, repetindo constantemente o gesto de tirar o suor do rosto com o dedo indicador parecia ser ansioso.

E aquela conversa nada amigável estava a ponto de explodir, com aquele olhar embrasado de Rosa, que disse:

— Você por acaso não olha por onde anda? Seu otário!

Raul embaraçado com a situação nada argumentou. Ficou na verdade encantado com a ousadia e todo aquele gestual espevitado. E como miragem, ele replicava aquela cena. Esboçou a maior cara de bobão e ainda o riso no ar!

Agora... Diga-me uma coisa: Quem não ficaria retado, quando esta brigando e de repente o alvo da briga esboça um sorriso? Dá logo vontade de dar uma voadora! Ainda mais sendo baiano. Não se engane com a famosa maré paciente do nosso povo.

Como alguém que acorda de um estado de hipnose, Raul viu que era real, uma verdadeira gritaria por conta

de uma manga caída no meio da cabeça desta criatura presepeira, pensou o rapaz já envergonhado.

Aí eu te pergunto: Raul tinha culpa do que mesmo? Ocasão do saber divino da natureza pensou o nobre! Oh desprazer, isso sim!

Já virado na peste, Raul se posicionou:

— Olhe moça... Não entendo o que tenho haver com isso! Eu estava saindo dessa instituição e você chegando. Você é uma desequilibrada, meu dia esta uma merda e a propósito não é meu forte comer pilha e ouvir desaforo!

Rosa arregalou os olhos, estremeceu o corpo e retrucou:

— Senhor não sabe quem, escuta aqui! Você é um atrasalado! Pegue sua pista e desempate meu caminho!

Ele imediatamente cedeu caminho para a “majestade” passar, andando como se chutasse seu traseiro, e gargalhou do destempero da criatura!

Rosa olhou para traz, no tom de querer retomar o bafafá, mas com muita destreza apontou o dedo médio num gesto obsceno como resposta ao atrevimento daquele homem bizarro que nem o nome quis saber.

Será que não queria?

# Capítulo 2

## O TIRO SAIU PELA CULATRA

Em sua casa, cabeça cheia. E o curioso era aquele homem rondar a mente. Pensativa, começou a lavar os pratos, espanar as coisas da casa, abriu uma escada para ajeitar a lâmpada e inquieta permaneceu, pois de alguma forma aquele atrevimento veio com gosto de algo mais.

Para uma mulher que morava sozinha no bairro do São Caetano, naquela *kitnet* soou o gosto da novidade. De repente ouviu na caixinha de música comprada no camelódromo da Lapa, a canção de Thiago Aquino cantor de sofrência e a letra descrevia o que logo mais tarde na solidão dos seus lençóis vazios, iriam penar como assombração, a vontade de puxar o cabelo e de enlouquecer carecia por longos anos. O que nunca lhe faltou foi fogo no tabaco, como as vezes ria alto lavando roupa pensando naqueles homens passantes na sua vida e cama.

E que cama viu! Enganam-se quem ver uma mulher solteira e acha que a diversão entre lençóis não acontece! O problema é que compartilhar o lado direito da sua cama era tarefa difícil. Preocupava-se com o noticiário desagradável, fazendo às vezes cuspir o café com raiva sobre os históricos correntes de violência

contra a mulher. Imagina só, o quanto de zelo se fazia presente no seu cotidiano! Doloroso, dolorido ser mulher em!

Resolveu colocar algumas verduras para cozinhar e aquele homem permanecia nos seus pensamentos. Ao ponto da abóbora despedaçar na água fervente, transformando a sopa em papa com pedaços de carne de boi quase contada na panela.

Para uma trabalhadora do ramo do *Call Center*, a base salarial era precária. Não poderia “luxar” demais nas compras do mês, pois o aluguel estaria ali lindo para ser pago. Ela murmurava: “Pago e já fico devendo! Oh vida ingrata!”.

No vai e vem da cozinha, pensou que nunca teve ajuda desses ex-amores se quer para comprar o pão, quem dirás para contas fixas. Fez então uma careta, desligando o fogo e começou a se despir no meio da sala jogando a roupa suja na cesta. A casa com paredes cor de rosa, ao menos bem organizada, pois acordava 4h30 da manhã a fim de manter tudo em ordem antes de encarar os monstros.

Os monstros falantes do *headset*. Rotina e demanda puxada, ainda mais com a promoção ganha no trabalho que aumentou mais o serviço do que propriamente o salário. Uma saga recorrente do proletariado explorado! Conversava internamente consigo.

Ao se despir seguiu para o banho e adorava tomar banho gelado desde criança, quando veio de Taboca do

Brejo Velho com 15 anos morar em Salvador. No interior, o que mais gostava era dos festejos juninos e da lembrança do cheiro da canjica da vovó Dengosa, que faleceu ano passado, em 2021, com 105 anos por morte natural.

Adorava se banhar com sabonete de ervas amazônicas, da promoção do Mercado de Bartimeu, que tinha até uma nota no caderno para comprar fiado e pagar quando recebia o salário.

E durante o banho, começou a se divertir no toque do seu corpo e pensou naquele homem da discussão e logo passou pela cabeça a saudade de flertar, de uma boa companhia, de um namorado, conversante ou peguete. Seguiu para cama e adormeceu.

No dia seguinte, após aquele suposto fogo cruzado na porta do hospital, Raul que não era de se estressar facilmente resolveu desviar do caminho de casa e se juntar aos parceiros de copo, para bater uma gelada no Bar de Prima Rica, uma mulher tão brava que colocava maus pagadores para correr, na base da surra de cacete e na pior das hipóteses comum dos seus instrumentos de tortura, era manusear uma varinha artesanal de cansação e urtiga para estapear os caloteiros.

Sr Franzino, o apelido bem já explica. Seco como talo de capim, murmurava tomando uma dose de folha podre no balcão:

— Mulher do diabooo! Oxe!

Esse era o cenário do boteco, jogos de sinuca, palitinho e ainda um karaokê improvisado com a cantoria desafinada de Zeca Pindogueira, aceito por todos e até pela proprietária nos dias em que o fio da paciência naquele couro reinava!

E de parte Raul, observava todo aquele alvoroço frenético bebendo uma cerveja e beliscando uns pedaços de salame com limão. Seus pensamentos se inclinaram para o que ocorrerá no hospital e a cada gole de cerveja o calor aumentava, desabotoou os dois botões da camisa, quando lembrou do requebrado de Rosa, virando a esquina e se deu conta que era uma mulher belíssima.

Pediu a Prima Rica um cigarro e fumou, observando as ondas da fumaça e ria sozinho se lembrando daquela mulher tempestiva.

Acabou expressando verbalmente, o que deveria manter em silêncio:

— Do que tem de brava, tem de maravilhosa. Eita! Tô pensando nisso por quê?

Franzino, muito curioso questionou:

— Oh Malasombrado! Quem é essa grande gostosa?

Raul com cara de poucos amigos, disse:

—Fecha o bico enxerido! Fica na sua que ninguém te bole capeta!

Caminhou para a porta do bar e avistou o ônibus que seguia para a Boca do Rio, largou o copo no balcão, pa-

gou e disparou para o ponto e quando ia entrar para pagar a passagem pensou.

Como era mesmo o nome da moça?

# Capítulo 3

## HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NISE DA SILVEIRA

A entrada do hospital era notória a estilística da edificação, do período neoclássico destacando os leves motivos decorativos e elementos da cultura grega e romana. O letreiro recém restaurado na fachada e aquele tom de sobriedade tomavam conta na cores claras, e o que junto na disputa da beleza do prédio roubava a cena era o esplendoroso jardim casado com um pomar de frutas que não se encontrava fácil pelas quitandas da vida.

No Salão Nobre, o acesso era restrito com exceções no período de encontros confraternos de familiares e pacientes. Havia quadros e uma ala contando a história da Psiquiatra Nise Magalhães da Silveira, que revolucionou a psiquiatria brasileira no tratamento humanizado destinado aos indivíduos com transtornos mentais.

As oficinas de modelagem com argila e pintura, a chamada arte terapia englobava através da Arte o poder de trazer a angústia e os tormentos vivenciados pelo paciente na criação de telas e objetos em cerâmica.

Naquela manhã, o sol já escaldava o couro e Rosa chegou cedo, aproveitando a folga para visitar a tia Bernadete, que a acolheu desde os 15 anos e adoecida dos nervos foi internada e recebia a visita da sobrinha, menos a dos três filhos que vinham quase nunca da Chapada Diamantina, mais interessados nos ensaios de verão de Salvador do que visitar a própria mãe.

Rosa chamava Dona Bernadete, às vezes de Mainha como forma carinhosa de destinar o lugar que a senhora merecia.

Hoje Rosa recebeu o relatório médico informando o quadro de melhoras e a socialização dela só evoluía. Passava tardes pintando telas, experimentando técnicas que aprendeu no vídeo que assistiu na oficina ateliê.

O que ela não contava era com quem iria se esbarrar novamente. Dessa vez a conversa tomou outro rumo na virada do corredor:

— Olá, acho que devemos nos apresentar para desfazer aquele infortúnio! — Com um sorriso de canto a canto, afirmou Raul.

Rosa, como sempre, chegou com a língua afiada:

— É verdade! Como diz os antigos: “O lobo perde o pelo, mas não perde o vício!”. Ver se lhe darei condição homem!

Raul pacientemente reforçou:

— Calma! Não quero ter liberdades com você, mas já aproveitando a oportunidade...meu nome é Raul. Qual sua graça?

Ela resolveu ceder:

— Meu nome é Rosa...

E ficou paralisada, olhando aqueles olhos verdes ficou suada e não largou a mão de Raul que esperava solta-lo.

Riram e soltaram a mão. Nisso Raul começou a contar quem ele visitava. A sua mãe Dona Renilda que há dois anos não falava. Só pintava telas praticamente o dia todo. E aquilo deixava Raul cada vez mais triste, essa condição estática no tempo.

Sofria de Alzheimer e ao longo dos anos a introspecção aumentava. Mas Raul fazia questão de visitá-la na tentativa de estimular os sentidos e sendo filho único aquilo o corroía.

Seu pai morreu numa rebelião na Lemos Brito, após quase finalizar o cumprimento da pena por latrocínio. A referência paterna foi muito negativa para ele que odiava ser comparado a figura paterna, a qual a semelhança física tanto chamava atenção e o inconfundível par de olhos verdes.

Um infarto acometeu sua partida e sem nenhum remorso ou saudade, às vezes conversava Raul consigo mesmo, batendo no peito dizia que ele deveria permanecer no mar do esquecimento.

Rosa ouvia atentamente, acomodados no jardim no banco o desenrolar da conversa trazia um ar de intimidade e identificação. Conversaram sobre escola, infância e nisso já se aproximava do meio dia.

Raul então sugeriu:

— Que tal almoçarmos juntos?

Rosa balançando a cabeça disse:

—Vai ficar para outra oportunidade! Tenho que resolver algumas coisas.

Ela queria tanto ir, mas logo pensou: “Nem o conheço direito!”... “Ora! E daí?... “Que medo é esse... Que vontade!”.

Raul insistiu e Rosa não se dispôs a ir. Para não perder a conquista e aquele quase tratado de paz, resolveu não cutucar a onça com vara curta e fez de conta que aceitou o quase fora.

Despediram-se dessa vez com um abraço ficando toda arrepiada e corada

Raul rindo, caminhando e com cara de bobo pensou: Essa está no papo!

Será mesmo camará?

# Capítulo 4

## FÔLEGO URBANO

Rosa trabalhava como *Call Center* e o prédio que prestava serviço ficava na Av. ACM, próximo ao Shopping da Bahia.

Naquele dia na escala de trabalho, seu horário ficou para a parte da tarde. O dia mal começou e a tarde parecia pesar nas costas como um saco de cimento, carregando subindo e descendo a ladeira do Curuzu, imaginou rindo discretamente entre uma ligação e outra.

Aquele porre diário era pior do que uma ressaca de vinho São Jorge, com doses de Príncipe Maluco bebidas na noite boemia do Rio Vermelho quando podia ir. Cada ligação a respiração mudava. Passação de ódio, cada Deus me livre, vontade de chorar, xingar e jogar aquele *headset* no chão e pisar igual o chapéu de Sr. Madruga nas cenas épicas do programa Chaves.

De repente, na ligação seguinte, atendeu um homem com voz familiar e envolvente, buscando ajuda para a compra *online* que tinha realizado. Quando ela perguntou o nome do cliente, gelou na hora!

O nome era Raul! Vê se pode? Seria muita coincidência, brincadeira do destino ou seria o mesmo homem?

Pior que ela não sabia o sobrenome, muito menos o celular. Nossa! Que vacilo! Trocaram nomes e os números de celulares nada!

Guardou nas anotações o nome completo, endereço e telefone, deixou para lá e seguiu o atendimento e a rotina de trabalho.

Naquela rota da vida, cruzava também próximo a Avenida Paralela, via que congestionava fácil, o asfalto quente fritava fácil ovos. Era verão em Salvador e ali naquele panavuê de acontecimentos, no engarrafamento voltando do trabalho final de tarde, Raul retornava para casa, cansado daquele trabalho no escritório de contabilidade.

Aprendeu o ofício do trabalho no período que estagiou, quando cursou Ciências Contábeis e ainda estava pensando para concluir depois de trancar o curso. Exaustivo estudar à noite e pelo acúmulo de trabalho, trancou a faculdade mas a vontade de prosseguir era imensa.

Pensou em tanta coisa no trajeto do engarrafamento, comprou paçoca no ambulante do buzu e a cada mordida lembrava do olhar daquela Deusa Baiana, pensou que a burrice foi esquecer de trocar os números. Na verdade nem lembraram de celular, a naturalidade tomou conta do momento e suspirando quase passa do ponto para seguir a sua casa.

Mas afinal de contas, como poderia reencontrá-la sem o dedo do acaso novamente?

# Capítulo 5

## O CAFÉ, TEU CHEIRO E O ENCONTRO

Para os questionamentos do destino, a observadora esta aqui para responder: E na rota do hospital, Rosa saiu apressada para visitar sua tia e resolveu tomar café na padaria da melhor média com leite e pão com manteiga. Ainda com o troco dava para beliscar mais tarde, aquele sonho da Rua da Glória que percorria pelos vasilhames dos vendedores dos buzus da capital.

A moça sentia o aroma do café e viu aquela mudança brusca de tempo ocorrer, pois Salvador passava do paraíso ao apocalipse em fração de segundos. De pé seco, você poderia chegar em casa encharcada independente da estação do ano, o vento e o tempo mudava.

Eis que Raul entra para passar a chuva. Se viram frente a frente. Ele estava uma delícia, bem perfumado, parecia aquele cheiro de cafajeste do tal *Malbec* como os vendedores do corredor da Lapa conversavam na resenha. Tantos adjetivos olhando aquele corpo, que começou a notar melhor aquela mistura de tronco atlético com barriguinha de chopp discreta, mas os gominhos do tórax alinhados naquela camisa polo e o

jeans escuro tornava o boy irresistível.

Raul esboçando um sorriso disse:

— Bom dia Rosa! Que bom te rever.

— Bom dia Raul, não sei se posso dizer o mesmo!

— Mas, o que fiz agora?

— Deixa eu reformular para ti a frase: O que você ainda não fez?

Ele ficou olhando-a fixamente sério e a travessa Rosa gargalhou!

— Você esta pensando que é o que mesmo? Vamos trocar nossos contatos!

Ele sorriu afirmando.

Não sabendo onde essa prosa acabaria ou mesmo suspeitando como poderia acabar, Rosa queria conhecer e saber um pouco mais.

Se lança mulher! A hora chegou!

Em casa, Rosa aguardava ansiosamente pela mensagem de Raul ou mesmo ligação. Com todas essas modernidades, ela sentia falta da simplicidade dos encontros de antigamente. Sabe aquela pipoca açucarada e amanteigada no Campo Grande, passeio de praça? Pois é! Hoje em dia é barzinho e motel, sem direito a perguntar no dia seguinte qualquer coisa, para não parecer um compromisso!

Ela disse:

— É! Pior que eu também faço parte dessa geração!

Quase 23h, Raul manda uma mensagem pelo *whatsapp* e Rosa quase caindo de sono no sofá desper-

ta com o som da notificação.

No texto ele pediu para que salvasse seu contato e não perdeu a viagem, chamou Rosa para sair no dia seguinte a noite, depois do trabalho.

Animada, afirmou que iria, marcando às 20h na Estação Pirajá. Ela achou estranho, mas aceitou e logo correu para escolher o *look* para o encontro.

O dia chegou e ambos cumpriram a rotina de trabalho, a ansiedade corria os pensamentos. E a ida a estação parecia longe da vontade de estarem juntos.

A surpresa foi chegarem ao ponto de encontro ao mesmo tempo.

Raul sorrindo cumprimentou-a, afirmando:

— Nossa! Parece clichê o que vou dizer, mas você está mais linda ainda!

Rosa corada, meio tímida disse:

— Obrigada pelo elogio... Você tá um gato! — riu baixinho.

— Afinal de contas, Raul... Vamos para onde?

Ele meio sem graça falou:

— Aqui perto Rosa, tem um bar ótimo!

Rosa meio embaraçada, não gostou muito, pois nunca viu por aquelas redondezas bar descente, a não ser umas biroskas com movimento estranho. Mesmo assim, consentiu e caminharam menos de dez minutos.

Ao avistar, percebeu que se tratava de uma birosca daquelas que o pessoal marcava como ponto de encontro de fim de expediente. Rosa pensou: “Ele me

trouxe para um pardieiro! Bizarro!”

Raul distribuindo sorrisos, achando que estava abafando, o bom do pedaço, se lascou! Causou a pior impressão. Entre um gole de cerveja e outro, o silêncio de Rosa se quebrou:

— Sabe Raul... pensei que iríamos para outro lugar. Não acho agradável esse ambiente.

— Mas minha companhia não importa? O lugar a gente que faz!

Em tom ríspido ela disse:

— Um cenário de pesadelo! Pelo amor de Deus! Eu estava me segurando aqui, para não pegar ar, mas depois dessa sua resposta você vai ouvir!

— Como assim? — retrucou com ironia.

— Deselegante! O som alto, fumaceira no meu cabelo lavado e a gente nem pode ficar a vontade para conversar. Estou quase gritando para você me ouvir!

— Bem Rosa... Peço desculpas. Tive a melhor das intenções! Da próxima vez você irá sugerir o local, com toda pompa e luxo! — frisando com deboche.

— É meu caro....Lamento! Não terá próxima vez!

Levantou, tomou o último gole, arriou o copo no banco de plástico e saiu levando quem tivesse pela frente. Deu as costas para Raul sem nenhuma explicação.

Um bisbilhoteiro que acompanhava a vida alheia, olhando do balcão improvisado disse:

— Viu aí! Deu ruim pai! A moça pegou ar e viu que o cara é de esparro.

Hábito comum do baiano é prosear no exato momento, sem menção de pedir opinião falar o que não é da conta.

Raul ficou sem reação e ao mesmo tempo envergonhado. Não acreditava que Rosa ficaria tão brava com isso! Naquele momento, o dinheiro que tinha na mão só dava para ir num lugar meeiro.

Então pensou: “Bem que poderia esperar aquela grana da quinzena...”

E depois para piorar, ela como sempre... Chegou sapateando, rasgando ódio, chutando lata e quantos mais termos apropriados para aquele desassossego que mal cabia no coração. Na cabeça, só pensava na laranjada que foi ceder as chantagens do coração e deixar o racional de lado para ir ao encontro daquele filho de uma égua. Respirou fundo e começou a inventar de procurar um filme para assistir.

Naquela passagem de canais, não conseguia parar em um só canal e prestar atenção na programação. Até que se atentou ser tarde da noite, quando recebeu a notificação de mensagem com um texto enorme de Raul, justificando, enfiando os pés pelas mãos e ao mesmo tempo não dizendo muita coisa para uma mulher que estava totalmente cheia de razão.

Rosa erguia as sobrancelhas a cada lida e passava a mão nos cabelos com ar de chateação. Sabe quando

você pensa: “Logo fui dar oportunidade a ele, que mancada a minha!”. “Estava tudo bem na minha vida, assim nesse paradeiro sem fim!”

Deitada de cabeça para baixo praticamente, com as pernas cruzadas na cabeceira da cama resolveu responder e disse a Raul que era melhor não saírem mais. Preferia não dar continuidade aquela história.

Ele pegou e resolveu ligar. Ela recusou a chamada e colocou o celular em modo avião. Estratégia costumeira de quem tardia a resolução das coisas do coração.

E o que é adiado a tendência é prolongar o rumo!

# Capítulo 6

## NOITE DE CARNAVAL

O verão em Salvador é a estação mais esperada pelos baianos e turistas de todo mundo. Aqui se conta da hospitalidade do povo e do crédito de um paraíso perfeito. Como diz compadre Washington: Sabe de nada inocente! Nesse aglomerado de vivências embalada pelo sol de ferver, as músicas de pagode, axé e arrocha, vem a tão esperada festa de rua: O Carnaval!

Para uma *Call Center*, a folga para festejar era contada no conta gota. O serviço escravizado, como todos comentavam colocava como forma de “beneficiar” o funcionário premiações nada atraentes. Ver se pode, sortear sacos de amendoim japônês e chocolates ser válido para quem ouve cobras e lagartos o dia todo naquele fone dos infernos!

Rosa ansiava pela folga na quinta ou segunda. A primeira opção era para providenciar seu *look* para ver os blocos de samba na avenida e a segunda opção se referia a deliciosa Pipoca Doce puxada pelo cantor Saulo Fernandes. Adorava a vibe positiva e a brincadeira de jogar gulal, tipo o que acontecia no Festival das Cores na Índia, como viu no documentário na TV.

Ali era Salvador, trazendo os encantos com confete

e serpentina. E a saudade do mamãe sacode, do tempo do Bloco Tiete Vips e da alegria de fazer cabelos longos falsos com o objeto?

Ao ver que pensava alto, Rosa viu que ficaria livre na quinta e já pensou em comprar aquela bermuda branca curtinha que avistou pela janela do buzu no camelódromo da Lapa. Já tinha pagado o cartão de crédito e dava para tirar um tênis também, dividindo de três vezes fecharia a sua planilha de controle de gastos.

Era muito organizada e totalmente obrigada a isso, pois batia na boca quando gritava sozinha em casa que tinha um salário de miséria e pedia perdão à espiritualidade pelas besteiras ditas. O pior seria esta batendo biela desempregada, sem um ponto no bolso e dançando o que se toca na dinâmica da sobrevivência.

Seguia para casa no buzu chateada quando parava para pensar em Raul. Quinze dias se passaram após aquela mensagem e recusa de ligação, ele realmente era tihoso, pensou. Não ligou mais, não insistiu. Pelo visto não valia a pena mesmo. É melhor pensar no meu carnaval, pois ninguém vai querer compromisso nesse período mesmo. Sou eu que vou ficar besta! Que nada!

Rosa queria mentir para si, mas estava mais que claro: parecia que brotava sentimento.

Raul por sua vez se aprontava para sair no Bloco Amor e Paixão, já se aproximava a hora de sair e junto com dois amigos se concentraram próximo ao Corredor da Vitória e cantarolavam as músicas de Nelson Rufino

entre goladas de cerveja. Do nada começou a pensar naquela mulher que ele queria esquecer. Sacolejou a cabeça e adentrou o bloco desfilando na avenida, curtindo e sambando.

E na chegada do bloco na esquina das Mercês, ficou paralisado com o passo daquela mulher que sambava como ninguém, bem maquiada e o gingado de dar inveja. O *cropped* cor de rosa, mostrava a barriga chapada com *piercing* e brilhava naquela noite de carnaval espantando qualquer tristeza. Até que virou e viu Raul.

Ele burlando o cordeiro, esticou Rosa para dentro do bloco, se olharam e em fração de segundos se beijaram como se não houvesse amanhã. Aquele beijo de agarrar no cangote do rapaz e não desgrudar. Totalmente concedido, passou metade do bloco e eles estavam encostados na calçada próximo ao Relógio de São Pedro, como um casal apaixonado.

Sabe quando você não esta nem aí, quando passa a birra à vontade de brigar vai embora dando espaço para os braços da saudade. Tudo estava perfeito e viver aquele momento era espetacular.

Nessa noite de carnaval, desceu juntos para o Circuito Barra - Ondina e amanheceram o dia abraçados nas areias do Farol da Barra, sem falar nada, procurar discussões, sentiram os primeiros raios solares da sexta e como despertar de um sonho. Rosa lembrou que pegaria no batente no final da tarde.

O silêncio logo seria quebrado, quando Raul disse:

— Rosa... A gente precisa conversar e....

Ela disse:

— E? O que você tem para me contar?

— Eu não falei com você porque minha mãe faleceu! — com os olhos cheios de lágrimas não se conteve e Rosa abraçou carinhosamente beijando seu rosto, acarinhando os cabelos, lamentou a morte da mãe dele.

Rosa ficou reticente com a notícia, pois havia dias que não visitava sua tia pelas horas extras que teve de fazer no trabalho. Cada minuto ausente era um risco.

Raul disse:

— Preta... Seu carinho me fez muito bem nesse momento. Tenho que ir...

— Certo... Vamos então! — olhou meio desconfiada.

Rosa seguiu ,porém nada satisfeita!

A dúvida pairou no ar...

# Capítulo 7

## DESCOBERTA DESAGRADÁVEL?

Como diz na música de Los Hermanos: “Todo carnaval tem seu fim...” E logo chegou quarta-feira de cinzas. Gente com cara de zumbi, só no caco e purpurina, que para tirar do corpo, segundo as profecias baianas, é quase um ano!

Rondava a mente da criatura tudo que aconteceu naquela noite e no intervalo da pausa lanche, Rosa começou a matutar na mente investigar o que aconteceu a fundo com a mãe de Raul.

Pensou em ligar para marcar um encontro, primeiro para entender porque ele sumia tanto e pouco sabia daquele homem. Isso era uma verdade, já se passaram dois meses e nada de concreto.

Rosa pensou: “Não estou querendo me casar com ele amanhã de manhã, mas algo de errado tem nessa história!”

Saiu do trabalho e resolveu ir tomar um sorvete no Shopping da Bahia, e quando estava próximo a chegar à Praça de Alimentação se assustou com uma imagem que fez seu coração palpitar: Avistou Raul sentado com uma mulher e duas crianças, no clima bem família. Aca-

riciou os cabelos da suposta esposa, e riam com as crianças naquela típica imagem de comercial de tarde de compras da TV.

Rosa quase retornava, mas resolveu comprar o sorvete e sentar bem de frente para a mesa da “família”. Ele viu que era ela e fingiu não conhecer, seguindo como uma figura paterna. Decepcionada, largou o sorvete na mesa e foi embora com os olhos cheios de lágrimas se sentia a mulher mais boba desse mundo!

Ela se perguntava por que daquele choro sem sentido, com muito sentido. Havia na verdade sentimento, por mais que negasse no silêncio dos seus pensamentos. Raul veio como uma oportunidade de acreditar no amor.

De nada adiantava, criar diversas teorias na sua cabeça para explicar o que viu. O diálogo ainda é a ferramenta crucial de esclarecer qualquer pingo mal colocado no i.

Pensou em ligar para Raul, mas a coragem lhe faltou. Resolveu tentar esquecer esse episódio, e agir dissimulada caso ele a procurasse.

E na rotatória da vida o dia amanheceu Rosa foi visitar a tia no hospital e acabou ouvindo uma conversa no corredor, do falecimento de paciente e de um filho que estava interessado no dinheiro guardado deixado no banco e a ausência da assinatura de aceite da falecida poderia deixar a quantia para o governo.

Rosa arregalou os olhos surpresa com a revelação e ao mesmo tempo questionou o caráter de Raul, pois o tom do que ouviu apontou como se aquelas séries de visitas fosse na verdade uma mera atuação com objetivo bem maior a vista.

Com um conjugado de pensamentos, envolvida quase que numa celeuma mental, decidiu desvendar o suposto mistério.

Mas aqui seria suficiente desvendar ou perigoso esbarrar com a verdade?

A vontade de investigar era instigante, porém Rosa não tinha nada com Raul, se olharmos bem nem amizade de fato. O que fazia o indivíduo desaparecer tanto?

Rosa resolveu perguntar a enfermeira que ficava na proximidade da ala, a qual Raul se dirigia nos dias de visita e perguntar despretensiosa para que não percebesse o tom interrogativo.

E deu início dizendo:

— Boa tarde enfermeira, não tenho visto o acompanhante Raul esses dias. O que houve?

— Senhorita, não suporto fofoca! Mas, vou abrir uma exceção! Dizem as línguas abençoadas que aquele rapaz era um estelionatário e o nome dele nem Raul é! Ver se pode? Quanta safadeza! Hoje em dia nem na sombra se confia!

Rosa se amparou na parede, quase caindo para traz sentiu a pressão baixar. E o que mais provocava a sua

ira, era a mentira. E para certo seres humanos, mentir é habitualmente esporte diário. Receosa, então disse:

— Mas como? Ele enganou todo mundo!

Puxando Rosa delicadamente pelo braço, na direção do ar condicionado falando bem baixinho, afirmou:

— É minha filha! Pelo visto você se engraçou com o desgraçado! Vejo no brilho dos seus olhos a fagulha da decepção formada! Em homem não se confia

Rosa agradeceu e sumiu do hospital querendo correr para casa e desabar de choro. Agora está tudo explicado! Pensou, morrendo de ódio com o rosto suado, escorrendo lágrimas e a base que tinha passado. Naquele momento, afirmou para si que estava apaixonada e repelir da sua vida aquele querer seria obrigatório.

Infelizmente não podia seguir para casa, pois tinha que passar no Atacadão na região da Calçada, para fazer as compras do mês. Passava pelos corredores do mercado, com vontade de derrubar como efeito dominó aquelas estantes. Do nada abraçou o estoquista chorando copiosamente, e em seguida pedindo desculpas.

Percebeu a raiz do drama instalado, recuperou do pequeno surto e seguiu para o caixa. Viu na fila, duas moças com a farda do hospital comentando do caso do bonito estelionatário e defunto. Rosa arregalou os olhos, pediu licença e cutucou a moça:

— Né possível! Você disse defunto?

A funcionária sem entender nada disse:

— Sim! Defunto! Eu tenho a impressão de que vi a senhora hoje no hospital! De hoje que queria falar com você, sair de férias, retornei para outra unidade e voltei essa semana para a central. Iria lhe contar como aquele homem é perigoso! Vi que vocês conversavam e percebi com um tempo o clima de intimidade.

Rosa balançando a mulher disse:

— Então mulher! Desenbucha! Quem é Raul?

— Promete que não fui eu que falei?... Olha, o que eu sei é que ele é um picareta, a senhora nunca foi mãe, sofria de Alzhemier e ele falsificou documentos fingindo ser filho daquela senhora. Sabe Deus se matou o verdadeiro Raul! E outra....o diretor passou quase cola maluca na boca de geral, para não vazar a imprensa.

— E afinal de contas....o que houve com a senhora?

— Ela faleceu e ele sumiu a tempo com os documentos do banco tudo bonitinho assinado por ela. Ver se pode! Enriqueceu!

Rosa destemperada que era, largou tudo na fila e resolveu espairecer pegando um buzu desceu na Ribeira e ficou ali sentada olhando para o mar. Chorar não tinha vontade. Ela queria muito ver aquele cafajeste, fingido e tantos outros adjetivos não caberiam para aquele malandro!

E o vento soando, com aquele bafo quente solar baiano. Se refrescou com uma bola de sorvete e seguiu adiante matutando o que faria.

E porque teria que fazer algo mesmo?

As dúvidas corriam sua mente, resolveu atravessar a rua e visitar o Solar Amado Bahia uma bela edificação de arquitetura eclética, com gradil vindo da Inglaterra recuperado recentemente para visitação e preservado para posteridade. A distração no momento valia, o sorvete já tinha acabado e aquele ambiente não podia transitar consumindo alimentos.

Na parte da varanda no terceiro andar, a vista era totalmente voltada a Enseada dos Tainheiros e curioso o que estava escrito no texto da exposição, ao tratar dos detalhes artísticos, pouco conhecidos por Rosa que fotografou as dependências prováveis dos quartos da família, cristais e espelhos de origem francesa. Respirar arte fazia esquecer por instantes todo aquele rebuliço de informações na mente.

A caminho de casa, Rosa chorava deixando as lentes do óculos escuros nubladas, já meio enraivada com a cara de um homem que olhava-a fixamente no banco vizinho do buzu. Oh ódio! Parece que a primeira vez ver alguém chorar! Pensou contrariada.

O dia chegava ao fim e a vontade era de apagar nos lençóis e isso ocorreu rápido!

Ao chegar na entrada da empresa de *Call Center*, Rosa quase caiu dura avistando Raul como se tivesse aguardando-a e ficou totalmente desorientada. Foi ao seu encontro e disse:

— Como você sabia o meu local de trabalho?

Raul sorridente respondeu:

— Bom dia para você também! Por acaso naquele dia do café, percebi seu crachá onde ficava seu trabalho. Queria muito esclarecer algumas coisas, que com toda certeza você tem ouvido por aí ao meu respeito e também sobre o dia do shopping!

Impressionada disse:

— Satisfação de nada você me deve, não sou nada sua. Esqueça da minha existência. De problemas minha vida anda cheia, a distribuição de senhas para fila de problemas acabou. Mentiroso, farsante, bandido!

— Eu bandido? — afirmou Raul dando uma gargalhada irônica.

Atravessando quase como uma carreta para subir as escadas, Rosa não deu espaço para prolongar o assunto e não notou que ele havia colocado algo em sua bolsa.

No intervalo, Rosa abriu a bolsa e viu duas mangas no saco com um bilhete com frase dizendo: “ E foi assim que tudo começou!”

Ela querendo sorrir, não deu ousadia a seu coração e com o semblante sério foi no jardim e arremessou a manga que quicou na lona de plástico acertando sua cabeça com força. Foi para a enfermaria e teve que colocar um curativo no corte superficial e depois daquele episódio viu que aquele homem deveria ser carregado. Não tendo mais dúvida, não adiou mais quem deveria procurar esclarecendo todo aquele mistério.

Finalizou expediente, Rosa seguiu para Boca da Mata e adentrou O Terreiro de Candomblé, local cheio de árvores frutíferas, objetos referentes aos orixás e culto de matriz africana. Já tinha tempo que não fazia visita ao Pai Revelindo de Oxóssi, para fazer um jogo. Estava afastada, mas esquecer quem ajudou em alguns momentos da vida seria ingratidão. E como bem dizia o Babalaô, ali não era farmácia ou mercado!

— Sua benção Pai Revelindo! — disse Rosa.

— Meu pai Oxóssi te abençoe filha! A propósito porque sumiu?

— Estou tão exausta de algumas coisas que vem acontecendo....

— É filha? O que você quer com esse homem do hospital?

Rosa ficou pálida e sabia que a mediunidade do pai de santo era de deixar sem saída para inventar argumentos. Então afirmou:

— Pai, preciso de uma orientação. Como o senhor já sabe, quero saber sobre um homem chamado Raul. Posso esta sendo vitima de um mau caráter! Eu estou apaixonada, correu abraçando Revelindo abaixada no chão próximo a cadeira que ele estava sentado.

Balançou a cabeça e disse:

— Filha, não posso abrir um jogo para algo que você já tem resposta!

— Como assim Bâbá? Eu já sei?

— Sabe Rosa, atente-se ao que você não quer dar

ouvidos, a dor será profunda. No final você irá aprender! — disse pedindo para ela se afastar e sumiu barracão adentro sem entender nada.

O sentimento foi o mesmo do dia anterior: Deus que esse dia acabe!

# Capítulo 8

## ACREDITE SE QUISER

Raul descia a Ladeira do Taboão em direção ao Banco Central no Comércio, a fim de retirar uma quantia em dinheiro com toda a papelada já assinada pela senhora que havia dado o golpe. Ao chegar na agência, foi encaminhado para uma sala e recebeu uma pequena mala de mão do gerente, que não fez objeção em deixá-lo só.

Para surpresa, havia uma carta escrita a caneta azul, dizendo o seguinte:

“Já dizia o ditado, Zé Mané!

Seguro morreu de velho e desconfiado!

Enquanto você achava que me enganava, descobri que você estava se aproveitando da moça e nem ela mesmo tem conhecimento de que agora é a mais nova bem provida financeiramente de Salvador!

Você deve estar se perguntando? Como assim, velha gagá? Palavra que muitas vezes falava no meu ouvido e achava que não estava entendendo nada? O diagnóstico que o médico lhe deu foi falso, nunca sofri de Alzheimer eu tinha a saúde de ferro, me debilitei por um período de depressão e recuperada quis permanecer até meu último dia de vida no meu querido hospital. A propósito, eu era médica e uma das acionistas do hos-

pital. Escolhi morrer rodeada das pinturas que fazia e naquele ambiente.

Do meu dinheiro você não gasta um tostão!

Que muito em breve, sua moradia seja no inferno.

Adeus! Agora posso descansar em paz!”

Com toda força, arremessou a mala e rasgou a carta. Saiu porta a fora da agência bancária e estava decidido a procurar Rosa reconquistá-la, roubá-la e quem sabe dar um fim naquela vida daquela pobre mulher, como pensou. E a dúvida que pairava na mente, era qual valor Rosa iria levar? Será que era aliada da velha? O bandido foi enganado pela mocinha?

Ou Raul de bandido nada tinha!

Voltou para casa e naquele ambiente vivia com sua esposa e dois filhos. Uma das crianças era autista, os cuidados ficavam a cargo da mãe. A mulher quase nunca saía de casa, 8 anos sem trabalhar na rua.

A relação deles muito desgastada como casal, mas o Raul não deixava faltar nada como muitas vezes falava para alguns dos poucos familiares que tinham proximidade. Uma vez, chegaram a comentar no grupo do zap da família que a criatura casou com bandido peça fina, termo para descrever gente que era envolvida com coisa da pesada!

Raul tinha acabado de tomar banho e procurou pela esposa na cama, que se recusou a praticar sexo. Ele disse:

— Caroline, você não me quer?

Tirou os óculos do rosto e disse:

— Raul... Não somos mais aqueles jovens apaixonados! Hoje se pudesse me separava de você. Mas pelos meus filhos me sacrifico. A sua cara me enoja!

De imediato, pegou Caroline pelo braço e a agrediu com socos, obrigando-a a fazer sexo. Abusou a noite toda da esposa, que chorava pedindo para ele acabar logo e quando amanheceu ele foi dormir no sofá.

A cena no quarto parecia de guerra: Caroline arrasada, precisava levantar para ver os garotos que choraram a noite toda. O mais velho tinha 12 anos, revoltado com a situação chegou a puxar uma faca para Raul numa briga e dizia que iria denunciar, que ele não tocasse mais na mãe dele.

O comportamento de Raul era nada suspeito, no trabalho venerado pelos colegas e eficiente na elaboração de relatórios, gentil com as mulheres. Perfil de enganador, manipulador, psicopata e até no atendimento psicológico do Pronto Atendimento do Servidor, colocava no bolso Psicólogas! Chegou a comentar na birosca que bebia, ter tido caso com uma Psicóloga e amarrado o cinto no pescoço dela a pedido no ato sexual. O que se sabe é que a moça no dia seguinte pediu demissão e sumiu da cidade.

As aparências enganam e muita conversa também!

Raul no dia seguinte, estava com tudo arquitetado na mente. Já sabia onde Rosa trabalhava, agora o passo

seguinte era cortejá-la de modo que desse crédito para levá-lo na sua casa. Em seguida, iria descobrir o que ela levou da velha gagá!

Aquele embaraço mal cabia no peito, saia apressada do prédio e encontrou Raul com rosa vermelha e uma caixa de bombons. Em sua direção, fez menção de abraçar. De imediato recusou o abraço e a raiva tomava conta. Ele olhou-a nos olhos e a beijou sem nenhum pudor.

Desfaleceu em seus braços e envolvida, convidou ele para sua casa. Pensou Raul, que estava sopa no mel! Não acreditava que foi tão fácil enganá-la. Os próximos passos seriam cruciais!

Rosa deixou Raul na sala com uma cerveja e alguns petiscos enquanto tomava banho. Ele sorrateiramente se aproximou do banheiro e a viu se banhando. Convidou ele e ali mesmo fizeram amor. Rosa queria muito aquele momento, não queria saber do depois lembrando de meio mundo de coisas foi carregada até sua cama.

Foi seis, cinco, quatro e tantas vezes que aquelas mãos passearam delicadamente seu corpo encaixando perfeitamente com a suavidade dos beijos por todo corpo que Raul dava e possuía de forma tão apaixonada enganando qualquer coração bem intencionado.

É.. esse poder masculino de interpretação digna de Oscar!

Amanheci nos braços dele, pensou Rosa que se es-

queceu da vida e precisava correr para o trabalho e ainda processar toda aquela situação dentro de si. A vontade era de ficar ali aninhada no peito dele, como lembrou daquela novela do casal que viveu felizes para sempre.

Raul acordou assustado e disse:

— Mulher... faça meu café!

Ela retrucou:

— Você esta falando de quem, quando se refere a mulher? Machista comigo não se cria!

Raul embaraçado, falou:

— Ora... de você! Acaso é um homem?

Raul riu e preparou junto com Rosa o café em meio de uma transa matinal.

Ele arrumado estava para partir e ela também.

O amanhã chega e veio aquele turbilhão de pensamentos, quando se faz coisas sem realmente pensar nas incríveis consequências! Rosa então disse:

— Raul... Vamos ficar juntos para sempre?

— Sim meu amor! Preciso só reorganizar algumas coisas na minha vida e dizer algumas coisas para começar do zero. Quero ser feliz com essa mulher maravilhosa que você é! Independente, desimpedida, perfeita... Minha cúmplice.

— Cúmplice de que? O que você fez?

Ele rindo falou:

— Bobagem... Você também, muito desconfiada heim?

Seguiram para o buzu juntos. Ela soltando a mão dele discretamente com ar de preocupada. Sabia que Raul era casado, pelo menos foi o que a cena de família no shopping trouxe consigo. Agora era descobrir e continuar com a tentativa de desmascará-lo.

Pensou em apostar no palpite, no dia que atendeu a ligação no trabalho e achou a voz do cliente semelhante a dele. Lembrou que tinha anotado o endereço e iria nesse lugar.

Depois do trabalho, seguiu para o endereço e ficou observando o movimento da rua que tinha uma praçinha. Viu um menino sair da suposta casa de Raul e sentou no parquinho com outros garotos com uma bola, com idade de 10 a 12 anos aparentemente.

E nos últimos tempos a violência nos centros urbanos tem assustado, aquela vila parecia tranquila mesmo sendo na periferia. Apesar de que nos noticiários, nem lugar ou hora virou critério da bandidagem agindo de surpresa muitas vezes.

Rosa observando afastada, no cruzamento da bola na brincadeira dos garotos parou bem no seu pé. Dirigiu-se ao garoto e perguntou:

— Você conhece Raul?

— Sim! É meu pai, infelizmente! O que ele fez com você moça?

Ao ver a esperteza do garoto e o ar de preocupação, Rosa fingiu atender uma ligação inesperada no celular e se afastou, entrando numa rua quase pálida falou para

si mesmo: “Agora tudo se explica! Aquela é a família dele!”

# Capítulo 9

## A FARSA

Passaram-se dias e Rosa achou válido o sumiço de Raul, para ganhar tempo e pensar como desmascarar o cabra e os cuidados que deveria tomar a respeito dessa decisão.

Era domingo, estava preparando uma feijoada pequena com aquele tempero no capricho adorava colocar alho, coentro e bastante pimentão na comida. E a farinha era seu chamego!

Resolveu olhar a caixa de email e viu um comunicado do hospital pedindo sua presença urgente na segunda. A mensagem estava na lixeira, havia sido enviada cinco dias atrás, ficou preocupada pensou que poderia ser algo com sua tia. Chega deu vontade de não comer mais, ficou logo agoniada do juízo querendo que chegasse logo segunda.

Almoçou e repetiu o prato, vendo um filme que nem o título chamou atenção. Comeu um pedaço de goiabada com creme de leite para tirar o gosto do sal e pensou na roupa que deveria pegar na corda daquele sol escaldante. E de repente, ouviu um estalar de palmas na porta da sua casa.

Ao sair, viu que era Raul extremamente machucado no rosto. Ela abriu a porta e o segurou percebendo que

estava bêbado, colocou sentado na cadeira e caiu para frente. Novamente colocou sentado e disse:

— O que houve? Você brigou com alguém? Foi roubado? E esse cheiro de álcool?

De forma agressiva ele segurou nos punhos de Rosa, dizendo:

— Você não passa de uma vagabunda! Devolva o dinheiro que você me roubou! Pilantra!

Rosa o empurrou da cadeira, que caiu para traz quase batendo a cabeça na quina e como milagre o efeito do álcool passou e ele pegou-a pelo pescoço. Ela puxou uma peixeira para ele, que soltou o pescoço e correu para fora da casa deixando cair um papel.

Ela se tremia dos pés a cabeça, começou a chorar e bebeu água com açúcar sem acreditar no que havia acontecido. Ajoelhou e deitou no chão pedindo a Deus e aos guias proteção pelo livramento de não ter morrido.

A ficha não caiu, mas foi vítima de violência doméstica, caberia dar uma queixa e fazer exame de corpo delito. Ficou com muito medo e fechou a porta trancando toda casa. Passou dois dias sem sair de casa e no escuro chorando, o amor e ódio ali presentes em pensamento. O desrespeito como mulher, ser humano e sentir-se um lixo, foi o sentimento.

Como alucinação, sonhou com uma voz parecida com a do Babalaô que dizia: “Reaja filha!”

Acordou assustada e seguiu para o banheiro, levando quase duas horas tomando banho nem lágrimas ti-

nha. A bucha esfregava no corpo, a vontade de tirar a passagem daquele homem na sua vida. Precisava ser fria e buscar ajuda.

Nunca tinha sofrido agressão física, embora passado por relações com aspectos de violência psicológica. Quem muito fez por ela nesse período foram os irmãos de Boca da Mata do terreiro e seu Bãbã. Aquilo doía demais! Não os punhos fisicamente, mas toda alma. Entendeu perfeitamente, quando via os depoimentos no jornal de mulheres que foram violadas.

Ainda assim, refletiu que poderia ser pior. De repente sofrer abuso sexual. Pensou na esposa de Raul e o quanto essa mulher deveria ser abusada pelo canalha. Lembrou de um ex-namorado policial como alguém no apoio, mas não queria chegar a esse ponto, mesmo correndo um risco mais do que nunca.

Resolveu limpar a casa e preparou um incenso com alfazema, foi o suficiente para dormir só três horas de relógio. Praticamente não pregou os olhos e alinhando os pensamentos esqueceu completamente do trabalho.

Viu inúmeras ligações da supervisora, ligou imediatamente afirmando que estava de virose. Com desejo de melhoras e pedido de atestado médico para encaminhar o RH em três dias, aliviada com essas folgas obrigada aquele homem iria se arrepender de ter nascido.

Com o foco em ir ao hospital, para ver o que a gerência queria com ela, Rosa decidiu não ver a tia, pois estava muito abatida e usando casaco naquele sol, para

esconder os punhos. A gerência a recebeu e entregou um envelope. Almir o gerente disse:

— Senhorita Rosa! Esse envelope contém uma informação de grande importância que mudará seu futuro!

— Como assim Almir?

— Veja com seus próprios olhos o conteúdo da carta.

A carta com letra parecendo de receita de médico, relatava:

“ Espero que quando você ler, não seja tarde demais!

Meu nome é Renilda Barcelos, sou uma das acionistas desse hospital e médica. Nunca tive Alzheimer e sim quadro depressivo e fui vítima de um farsante que forjou identidade alegando ser meu filho Raul Barcelos. Meu verdadeiro filho, faleceu no acidente na universidade quando cursava Ciências Contábeis foi atropelado.

Coloquei um investigador e com apoio de Almir e alguns colegas que começaram a desconfiar desse suposto Raul, que tinha aparências idênticas com a de meu filho, quando melhorei do quadro de depressão, planejamos fingir para vermos quem era esse Raul.

Acabamos descobrindo, que ele era um colega de faculdade do meu filho com o nome idêntico. Só mudava o sobrenome: Raul Barcelar. Ele começou a vir ao hospital, me procurando. Planejou a morte do meu único filho! O amor da minha vida!

Eu e meu Raul tivemos um desentendimento e ficamos sem se falar no período que iniciou o quadro da minha enfermidade. Como nossa família era pequena, não tenho irmãs, meu ex-marido faleceu nesse caminho e só parentes distantes, tudo encaixou como uma luva para o farsante. Estudou o que iria fazer com ele e fez.

O desgraçado achou que não existem provas do homicídio, mas tenho todas as provas e ficarão na posse do meu advogado e de Almir, pessoa da minha confiança caso venha a falecer.

E estou relatando tudo isso, pois eu ouvia tudo o que ele planejava fazer contigo. Ter um caso, enganar e depois sumir. E eu fingia estar paralisada, quando diversas vezes apertava meus pulsos me chamando de velha gagá.....”

Nesse momento Rosa chorou e deixou os pulsos amostra, revelando aos olhos de Almir as marcas.

“Filha, se afaste desse homem. Te deixo agora como acionista do hospital e herdeira de algumas propriedades. Ele irá lhe perseguir, por conta disso.

Assim que você souber dessa história, meu advogado entrará em contato contigo!

Você terá uma rede de apoio, assim como a esposa dele que foi vítima de diversas agressões, já recebeu uma carta com o relato e uma quantia em dinheiro para cuidar do filho autista e do outro menino de 12 anos. Inclusive ela sabe da sua existência, pois pedir para que entregasse primeiro a carta dela e depois a sua.

Que Deus lhe defenda e poupe a sua vida!

Faça bom uso da sua herança, pois agora você é a filha mais nova que nunca tive.

Um abraço da Renilda, Rosa!”

A sensação de cair para traz era enorme, pois a cabeça virada estava. Naquele momento tinha inúmeros questionamentos e ao mesmo tempo com maior pesar pelo conteúdo lido. Rosa levantou da cadeira e abraçou Almir, chorou copiosamente.

Era uma dor de querer partir, mas viu que precisava trazer a justiça para aquele filho e mãe que chegaram à sua vida como anjos.

Depois de sair do hospital, Rosa foi para casa e no pátio encontrou um papel, lembrou que caiu do bolso de Raul. Viu que tinha um endereço, resolveu ir sozinha nesse lugar.

Ao chegar à localidade do Bonocô, subiu para a sala de um prédio encontrando uma sala vazia com o nome do verdadeiro Raul na porta. Interpretou que ali seria o escritório do filho de Renilda ou o farsante iria assumir aquele espaço, após roubar o que ela herdou.

Saiu daquele lugar, sem dar muitas informações ao vigilante muito menos ao recepcionista que tirou uma foto de Rosa sem ela perceber. Os prédios públicos e a falta de segurança, faz gato e cachorro adentrar os espaços sem ser notado como cena de filme. Triste Bahia!

Com uma interrogação seguiu para o trabalho, quase na porta da empresa viu um rapaz chamar seu nome:

— Boa tarde! A senhorita se chama Rosa Souza?

— Sim senhor! Em que posso ajudá-lo?

— Meu nome é Alberto Gregory, advogado da Dra Renilda, acredito que já acessou a carta deixada por ela. Precisamos conversar sobre os trâmites de recebimento da herança, providenciar sua saída dessa empresa e do bairro onde mora.

— Como assim moço?

— Sim Rosa! Inclusive, nem sobre esse assunto podemos ficar aqui parados conversando na rua, provável que estão nos vigiando....

— Nê possível! Minha vida agora virou um inferno!

— Fale baixo... — disse Alberto cerrando os dentes repudiando o comportamento dela e vendo que iria ter um árduo trabalho de lidar com uma mulher retada!

— Epaaa! Nem fale desse jeito comigo. Você não sabe como em menos de cinco dias, minha vida virou de ponta cabeça com tudo o que passei e agora virei milionária!

— Rosa! Por favor, me escute! Vamos para o meu carro e irei te levar num café aqui perto para conversarmos.

— Eu mesma não! Por que iria acreditar em você?

— Como eu saberia disso tudo?

— É...você tem razão! Eu preciso de ajuda mesmo estou com medo...

Alberto segurou delicadamente no braço de Rosa, viu a marca no pulso e disse:

— Nem ele ou qualquer pessoa irá te machucar nunca mais!

Por um momento pintou um clima estranho, de olhos nos olhos e definitivamente aquilo estava fora de cogitação! A raiva que tinha, não iria lhe fragilizar mais do que estava ao ponto de querer começar a ver o advogado que acabara de conhecer de outra forma.

Com aperto de mãos, ele conduziu-a até o carro e foram num café cheio das pompas, como Rosa pensou. Alberto disse:

— Rosa...precisamos ser práticos e sua saída da empresa tem que ser por conta da fragilidade da saúde da sua tia. Ninguém pode saber a verdadeira motivação, para o plano de pegarmos Raul e acionarmos a polícia para prendê-lo.

— Certo Dr...mas...tudo para mim é muito confuso!

— Calma Rosa... vou esclarecer tudo para você! Inclusive, vamos providenciar hoje mesmo sua saída daquela casa. Para não levantar suspeitas, você irá passar uns dias em Feira de Santana.

— Feira de Santana?

— Sim. Já está tudo pronto para você ficar lá e o trabalho você irá pedir desligamento sem muitas explicações como combinamos. Em seguida ,chegando na cidade, irei ao seu encontro para lhe dar as próximas recomendações.

— E digo o que ao proprietário da casa?

— Vou lhe dar uma quantia em dinheiro, equivalente a dois meses de aluguel e contas pagas para você dizer que passará alguns dias fora e pedir discricção dele. Já fui informado que você esta sendo vigiada na rua e nem roupas irá levar. Saia com a bolsa e não entre em contato com ninguém, até o pessoal de Boca da Mata do terreiro.

— Como você sabe de todas essas informações?

— Eu sou advogado e trabalho há muitos anos com a linha de investigação. Fique tranquila, a polícia está a par desse processo.

Com ar de confiança, Rosa resolveu acreditar em Alberto e seguiu as solicitações.

O que ela não imaginava, era que tudo isso poderia não ser bem assim.

# Capítulo 10

## A CONFIANÇA É INGRATA

Ao chegar em Feira de Santana, Rosa foi para o hotel que Alberto indicou e ao abrir a porta do quarto, quem estava sentado na poltrona? Raul!

Rosa quando tentou correr ele tomou a chave e trancou a porta. Começou uma luta corporal e ele a imobilizou pedindo para ela se acalmar.

— Puta merda! Se acalme! Deixa eu me explicar. Você não pode ficar nervosa desse jeito! Precisa ficar bem tranquila, pois nessa barriga esta carregando meu filho. Sua pilantra! Agora vai ter que ficar com seu homem! Não era isso que você queria, um marido! Olha eu aqui... — tapando a boca de Rosa que só chorava.

E ele completou:

— Você foi presa fácil! Naquela noite, usei o preservativo e tirei... e fora os outros momentos... Pousava de moça descente e sabia que eu sou casado! Nossa! Uma boba!

Daqui a pouco Rosa, Alberto irá chegar para passar as próximas orientações. E fique despreocupada, pois ele é meu coligado. Enganou direitinho a gagá! Inclusive Almir deve ter já vestido o paletô de madeira!

Rosa mordeu a mão dele e com um soco dado por Raul ela desmaiou.

Ao acordar, Rosa estava em um matagal amarrada e amordaçada com duas cadeiras na sua frente com Raul e Alberto bebendo e rindo comemorando!

Por um momento Rosa pensou que estava tendo um pesadelo. Será que estava grávida desse monstro?

Raul então disse:

— A cinderela favelada acordou! Bem, você dormiu demais. Agora é hora de assinar a papelada para sacarmos o dinheiro. Preciso fazer pix para várias pessoas que estão nessa jogada! Você acredita amor, que descobrir um parente distante de você e da titia? Ele mesmo tirou ela do hospital e deu fim na outra velha maldita. Não se preocupe! Sua morte não será dolorosa e nem a de meu filho! Você é difícil, aquela tonta da Caroline ganhou a bolada, vai ficar calada e bem casadinha com o maridão aqui!

Rosa conseguiu cuspiendo e babando tirar a mordança e deu um forte grito.

— Não adianta gritar pretaaaa! Olha teu advogado aqui! Ele ficou super interessado em você... Viu a vadia disfarçada que você é... Se divertiu muito com você enquanto dormia!

— Desgraçadoooooooo!

Rosa começou a entrar em desespero e viu que as suas partes íntimas estavam doloridas e lembrou de um reflexo de homem em cima dela... Que nojo, vontade de

de morrer, pensou!

Alberto se aproximou da cadeira e jogou gasolina molhando Rosa toda. Ela gritava de desespero.

— É hora de assinar a papelada minha cliente!

Rosa vendo que não tinha saída, com as mãos trêmulas assinou. No matagal que estava, tinha uns pontos de luzes distantes, e entre as árvores a claridade tomou conta ao ponto de Rosa rolar ribanceira abaixo. Sem deixar sombra pela altura. Raul e Alberto correram com o papel assinado, felicitando a natureza por ter dado fim em Rosa!

Rosa por sua vez, por um milagre sofreu pequenas escoriações e deitada no meio da mata fechada viu uma luz forte e a voz de dentro da mata como no momento de transe dizendo:

— Você esta salva filha! Cuide da sua cria!

Ainda desequilibrada, conseguiu ficar de pé e caminhou por três dias até chegar a estrada. Estava sem documento, dinheiro ou qualquer rastro que identificasse ela como Rosa.

Conseguiu carona com um caminhoneiro, com muito medo e voltou para Salvador direto para Boca da Mata. Foi recebida pelo Babalaô, que conseguiu esconder ela por alguns meses, inclusive dos frequentadores e filhos da casa. Era muito arriscado confiar ou mesmo segurar a notícia.

Rosa engravidou de Raul e estava com quatro meses de gestação, rejeitou desde o início aquele bebê. Por

várias vezes se jogou da escadaria do terreiro e foi apanhada pelo Bãbã, que conseguiu com fé nos orixás acalmar a cabeça de Rosa

Aceitar aquele filho, era algo que nunca poderia acontecer. A mulher estava repleta de dores profundas, seja física e psicológica. Não sabia como reconstruir a sua vida. Não tinha trabalho, tia, casa, nada!

O pensamento era de justiça. Não cansava de pedir a Xangô todos os dias que não esquecesse os maldosos! E a mão da justiça quando chega, oferta aquilo merecido!

Sabia que tinha obrigações a cumprir. Nunca chegou a se iniciar realmente, mas tinha muita fé.

Era setembro, Rosa gostava muito daquele mês festivo de caruru, apesar de esta bem triste. Como não podia ter acesso ao celular, estava folheando o jornal quando viu a notícia de dois homens sendo perseguidos pela polícia e mortos numa troca de tiros.

Para a sua surpresa era Alberto e Raul, estavam na BR 324 em fuga. A reportagem rendeu umas três páginas relatando todo o ocorrido, já tinha passado dois dias do fato e estavam procurando Rosa Souza, que foi sequestrada pelos meliantes e tudo já estava esclarecido pelas autoridades, pois antes de matarem Almir, ele era amigo de um delegado de Periperi que desvendou toda a situação com a equipe de inteligência da polícia apurando.

Rosa chorou de alegria e ajoelhou agradecendo pelos livramentos apesar de tantas dores. Precisava contar ao Babalaô!

E naquela agonia contou ao Babalaô tudo que viu no jornal e ele acabara de ver na internet que cartazes e campanhas estavam sendo realizadas pela sua procura. Inclusive a tia de Rosa não tinha morrido, aquilo foi uma invenção de Raul.

Ela se recuperou e foi acolhida por um parente no período que Rosa sumiu. Era uma das cabeças das manifestações de procura da sua menina!

Rosa explodiu de felicidade, sua tia que chamava de Mainha era seu grande amor!

Atentos ao noticiário ao vivo da TV, viu a reportagem que falava da perseguição de Raul e Alberto e ficou feliz que Caroline foi peça fundamental para ajudar na investigação e queria muito que Rosa fosse encontrada viva.

Isso deixou emocionada de uma forma, que recorreu da sua atual condição: estava grávida de Raul. Aquilo era muito real, o bebê crescia com saúde e nem o sexo fazia questão de saber. Estava encaminhando para o quinto mês e uma decisão precisaria tomar. Seguir a vida criando um filho não desejado? Era alguém inocente no ventre! Mas aquilo doía demais. Recomeçar do zero, mesmo continuando herdeira do testamento o conforto financeiro não apagaria todas as dores.

Desde ocorrido, não teve acesso atendimento psicológico e o grande aliado era o apoio da espiritualidade. A palavra final seria a de Rosa, expressa em atitudes. Nem enxoval tinha sido feito. Seria seu primeiro filho. Filho de um bandido ,agressor de mulheres, estuprador e tantos outros carregos que aquele maldito carregava.

Desistir daquela gravidez traria também muitas consequências, mas historicamente o corpo da mulher sempre foi colocado como propriedade do estado e do patriarcado, Rosa estava pensando mais no que os outros pensariam dela, já que agora virou uma pessoa pública pela sequência de tragédias.

Rosa foi para o quarto que estava escondida e disse:

— Ninguém nunca mais irá me machucar! Não irei machucar ninguém, mas não vou condenar minha vida!

Saiu do quarto e sumiu barracão adentro deixando que todos da casa a vissem!

FIM



## Sobre a autora

Nordestina, baianíssima e soteropolitana, a escritora Daiana Soares em 2022 recebeu o prêmio do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, com a publicação do livro de crônica "Fuxico, resenha, mexerico nas esquinas e buzus de Salvador". Seu primeiro e-book foi publicado em 2023 pela Editora Uaná, de título "O povo dita, eu conto e você interpreta". Com quatorze publicações em diferentes antologias literárias de poesias e contos segue escrevendo fortalecendo a literatura nacional.



## **Editora Uaná**

[www.editorauana.com.br](http://www.editorauana.com.br)

[www.instagram.com/editorauana](http://www.instagram.com/editorauana)

[editorauana@gmail.com](mailto:editorauana@gmail.com)

A escritora Daina Soares traz uma história envolvente e cheia de reviravoltas nesta novela, que, através de sua protagonista Rosa, coloca em foco a vida de mulheres negras e periféricas. A autora faz isso sem repetir clichês ou reforçar estereótipos. Rosa se apresenta cheia de anseios, desejos, virtudes e fraquezas, e sua vida, apesar de difícil e labutosa, é plena de momentos de alegria, prazer e regozijo. Como todo bom *thriller*, a construção envolvente de seu encontro com o misterioso Raul, captura o leitor e torna cada nova página uma descoberta.